

Módulo 1: Como chegamos aqui? (Portuguese)

Olá. Bem-vindo ao primeiro módulo deste curso, "Jornalismo na pandemia: Cobertura da COVID-19 agora e no futuro". Sou Maryn McKenna, jornalista e escritora, vivo em Atlanta. Eu sou a líder do curso e instrutora em Inglês. Durante estas quatro semanas, você também vai conhecer os instrutores assistentes. Yves Sciama, para os francófonos. Amanda Rossi, que vai cuidar do curso em português, e Federico Kukso, que conduz o curso em espanhol.

Em nome de todos nós: obrigada por fazer parte deste curso!

Antes de iniciarmos o tópico desta semana, deixe-me contar um pouco sobre como o curso vai funcionar. Em cada módulo, vamos examinar um aspecto desta pandemia, desde a preparação até a resposta, a possível prevenção e como nossas vidas serão depois de tudo isso. Nosso objetivo é falar sobre as melhores ideias de reportagem e as melhores habilidades jornalísticas para usar agora. Mas entendemos que esta é uma situação nova para todos nós, porque o patógeno por trás desta pandemia é um vírus que o mundo nunca experimentou antes. Então, todas as semanas, além dos instrutores, nós teremos um cientista ou outra fonte especializada, com quem vamos obter informações sobre a pandemia, e um jornalista que está cobrindo a pandemia, que vai compartilhar seus conhecimentos. Neste módulo, vamos ouvir o famoso especialista em doenças e biodefesa Michael T. Osterholm e a escritora e jornalista Sonia Shah.

Uma observação final: os participantes deste curso são de todo o mundo. Isso é emocionante, mas também representa um desafio. À medida que a pandemia avança em todo o mundo, cada país tem uma experiência diferente, cada país vai ter uma estratégia de saúde pública diferente, além de diferentes recursos para gastar. Portanto, é possível que algumas das ideias de reportagem que nós vamos recomendar não sejam relevantes para onde você mora ou para o trabalho está fazendo neste momento.

Esperamos que você fique conosco de qualquer maneira, para interagir com esta comunidade e ler as reportagens e textos que vamos recomendar. Pense no curso como um clube do livro... do fim do mundo.

Essas são as minhas observações iniciais. Vamos começar.

Em meados de maio de 2018, cerca de dois anos atrás, um vírus apareceu em Frankfurt, Alemanha. Meados de maio é após o final da temporada de gripe [no hemisfério norte], mas este vírus se comportou como a gripe, provocando tosse e espirros, o que ajudou que se espalhasse de pessoa para pessoa. 316 pessoas ficaram doentes e 32 delas - 10% - morreram.

Em seguida, cerca de 100 pessoas tiveram a mesma doença, a um oceano de distância, em Caracas, Venezuela. Algumas desenvolveram encefalite, um inchaço no cérebro, que fez com que entrassem em coma. Na Venezuela, 20 pessoas morreram. Mas o presidente venezuelano negou que houvesse qualquer surto e o vírus continuou a se espalhar.

Veio para os Estados Unidos por meio de um estudante universitário que havia passado o verão no exterior. À medida que o patógeno avançava por todo o mundo, especialistas em saúde perceberam que não havia tratamento que pudesse funcionar contra ele e que não havia nenhuma vacina disponível. Até o momento em que se esperava que uma vacina fosse ficar pronta, 20 meses depois, 150 milhões de pessoas teriam morrido em todo o mundo.

Se você está se sentindo confuso por nunca ter ouvido falar deste surto enorme, não se preocupe. Isso não aconteceu de verdade. Foi uma simulação realizada em um jogo de guerra, escrito e organizado, em maio de 2018, por pesquisadores da Universidade Johns Hopkins, nos Estados Unidos. Os criadores do jogo chamaram a doença fictícia de Clade X. Mas a conclusão que tiraram do jogo foi completamente factual. Eles disseram que se um patógeno pandêmico de verdade surgisse, o mundo não estaria preparado.

E agora sabemos como eles estavam certos. Clade X foi um aviso.

Revelou que as doenças se espalham mais rápido do que podemos rastreá-las. Que as vacinas não podem ser criadas a qualquer momento. A política pode atrapalhar a saúde pública. Mas os criadores do jogo disseram que essas fraquezas poderiam ser corrigidas, com atenção, financiamento e vontade política. No entanto, apesar de terem chegado a essas conclusões quase dois anos atrás, quase nada foi feito nesse sentido. Onde quer que você esteja trabalhando, uma das oportunidades para cobrir esta pandemia é descobrir se foram feitos planos e, se foram feitos, se foram seguidos. Clade X não foi o único. Foi um entre uma série de avisos sobre pandemias, desde o início do século XX.

Se você não sabia disso antes, você provavelmente já ouviu falar da pandemia de gripe de 1918, que provavelmente começou nos Estados Unidos entre tropas militares que se dirigiam para a Primeira Guerra Mundial, e se espalhou pelo mundo. Estima-se que gripe de 1918 tenha matado cerca de cem milhões de pessoas. Essa foi a grande pandemia do século passado, mas não a única. Houve uma pandemia de gripe em 1957, que matou cerca de 1,5 milhão de pessoas em todo o mundo. Houve outra em 1968, que matou um pouco menos de um milhão. Em 1997, a gripe aviária H5N1 infectou seres humanos em Hong Kong. Desde então, matou mais da metade daqueles que a contraíram. E houve a pandemia da gripe H1N1 em 2009, da qual alguns de vocês podem se lembrar. Na época, parecia leve, mas matou mais de 284 mil pessoas ao redor do mundo.

Todas essas foram pandemias de gripe. Mas houve outras epidemias respiratórias nos últimos cem anos, um pouco mais. A SARS, em 2003, a primeira pandemia de coronavírus, surgiu no sul da China, se espalhou pelo mundo e adoeceu pouco mais de 8 mil pessoas, matando 774. A MERS, também causada por um coronavírus, foi vista pela primeira vez na Arábia Saudita, em 2012, e até agora adoeceu quase 2.500 pessoas, matando 858 delas. Cada uma dessas pandemias trouxe lições que deveríamos ter absorvido antes da chegada de uma próxima pandemia.

A gripe de 1918 e a SARS, 85 anos depois, mostraram a rapidez com que os patógenos podem se mover ao redor do mundo. A gripe de 2009, que chegou fora da estação regular de gripe, mostrou quão complexo é criar uma vacina rapidamente, e como devemos estar preparados para acompanhar os efeitos colaterais das vacinas.

A gripe H5N1, a SARS, a MERS mostraram como é importante monitorar a transferência de vírus de animais para seres humanos, porque qualquer vírus que chegue até nós vindo de outra espécie será um vírus contra o qual não temos imunidade e nenhuma defesa.

Todos esses surtos e outros que eu não mencionei realçam uma percepção de epidemiologistas de todo o mundo: o número de novas doenças que surgem todos os anos está aumentando, o número de surtos por ano também está crescendo rapidamente. Devido a estas epidemias, a Organização Mundial de Saúde desenvolveu um guia de planejamento pandêmico, em 1999 e em 2005. Publicou uma lista de medidas que os governos membros devem começar a tomar. Isso deveria ter desencadeado um planejamento contra pandemias em quase todos os governos do mundo. Nos Estados Unidos, temos um plano pandêmico desde 2005. No entanto, os EUA e o mundo continuam despreparados. Mesmo depois da epidemia de ebola, de 2014, na África Ocidental ter mostrado ao mundo a rapidez com que as doenças infecciosas podem se espalhar e desestabilizar países e regiões. Veja o que o bilionário Bill Gates disse logo depois:

Hoje, o maior risco de catástrofe global não se parece com isso. Em vez disso, se parece com isso. Se algo matar mais de 10 milhões de pessoas nas próximas décadas, é mais provável que seja um vírus altamente infeccioso do que uma guerra. Não mísseis, mas micróbios. Parte do motivo é que investimos uma grande quantia em dissuasão nuclear. Mas investimos muito pouco em um sistema para parar uma epidemia. Não estamos prontos para a próxima epidemia.

E aqui está o que o Banco Mundial advertiu, em 2017: "Já sabemos que o mundo terá outra pandemia em um futuro não muito distante. Que mutações aleatórias ocorrem com frequência em micróbios, que os ajudam a sobreviver e se adaptar. Que novos patógenos irão, inevitavelmente, encontrar uma maneira de vencer nossas barreiras de defesas. Mesmo assim, a destruição causada pelo último surto vira uma memória distante, nos tornamos complacentes e relegamos ao segundo plano a necessidade de investir em prevenção. Então, uma das grandes

histórias deste momento é: alguma dessas recomendações foi seguida onde você mora, seja nos Estados Unidos, Canadá, Europa ou no Hemisfério Sul? Foi escrito um plano? Esse plano foi seguido? Era um plano que cobria todo o país, ou estados, províncias, cidades e suas redes de transporte, hospitais e seus suprimentos, escolas e alimentos? Talvez o mais importante:

O que esses planos deixaram de lado?

De acordo com um ranking internacional chamado Global Health Security Index, os Estados Unidos são o país mais bem equipado do mundo para responder a ameaças infecciosas. Estão em primeiro lugar, entre 195 países. No entanto, um conselho bipartidário independente, a Comissão CSIS sobre Fortalecimento da Segurança da Saúde dos EUA, disse em novembro passado que, na realidade, o povo americano está longe de estar seguro.

E foi isso mesmo que aconteceu.

Em 2017, a revista Time alertou o mundo que não estávamos prontos para a próxima pandemia. Em 2018, na revista Wired, eu previ que, se uma pandemia respiratória começasse na China, as cadeias de suprimentos mundiais de máscaras hospitalares e equipamentos de proteção seriam rompidas. Porque a maioria desses produtos são feitos na China. E a China quebraria contratos para manter esses produtos onde fossem necessários. Infelizmente, eu estava certa.

Você vai encontrar outros exemplos de planejamento - e falhas de planejamento - nas leituras recomendadas para este módulo. Esperamos que esse conteúdo ajude você a desenvolver ideias sobre como a conscientização e o planejamento para uma pandemia ocorreram no país onde você está, e como continuam a se desenrolar neste momento. Dê uma olhada nesse material. E compartilhe suas ideias no fórum de discussão deste módulo. Se você se juntou ao grupo do Facebook, que é opcional, fale conosco por lá também.

O quanto uma nova pandemia foi antecipada - ou não - e o quanto o lugar onde você mora ficou vulnerável são elementos importantes para entender o tema do nosso próximo módulo: como a COVID-19 está se desenvolvendo agora.